

## O Falo de Deus

EILBERG-SCHWARTZ, Howard. *O Falo de Deus. E outros problemas para o homem e o monoteísmo*. Rio de Janeiro, Imago, 1995.

### REAÇÃO I

PAULO AUGUSTO DE SOUZA NOGUEIRA

O livro de Eilberg-Schwartz tem um título curioso, desconcertante até: *O Falo de Deus*. Lendo-o em uma viagem, minha vizinha de poltrona já me perguntou: “o senhor gosta de religião?”. E lá veio um bom sermão evangelizador e o convite para uma reunião de oração. Por sorte ela tinha entendido o título como “a fala de Deus”. Permiti que prosseguisse o equívoco para não dar lenha para o ímpeto evangelizador de minha interlocutora. Afinal, este é tema que se estude? É melhor se entender com a fala do que com o falo de Deus.

Mais do que desconcertante o livro é positivamente provocador. Para um leitor masculino a leitura se abre com a expectativa de um “puxão de orelha”. Lá vem a denúncia de que homens manipulam as imagens da divindade e nelas reproduzem o que acreditam ou gostariam de ser. Ou então, uma análise de como esta imagem idealizada do mundo masculino é usada na religião como ideologia para submissão de mulheres.

Mas o autor trabalha com um conceito de símbolo que não permite dividir o universo cartesianamente entre opressores e oprimidas. Sua perspectiva é de símbolos em conflito e gerando conflito. Nas suas palavras: “a masculinidade é uma construção simbólica em conflito consigo mesma” (33) Uma vez criada uma imagem ideal de homem ou de divindade masculina ela passa a ser o padrão a ser imitado, comparado e, desejado. Esta relação mimética é criadora de relações conflitivas e paradoxais.

Vejam as principais perguntas abordadas pelo autor:

– Em uma cultura (como a judaico-cristã) que privilegia o relacionamento heterossexual, como é possível para os homens relacionar-se intimamente com uma divindade masculina? Não incorrem os adoradores de Javé no perigo de manter relações homoeróticas?

– Se a masculinidade é desenvolvida na figura de um pai divino, que conflitos decorrentes de um medo de castração poderiam surgir? Sendo Javé o pai por excelência (aquele que dá fertilidade às mulheres), qual o papel a ser desempenhado pelos pais humanos? Não se trata de uma concorrência desleal?

– Por que as características masculinas do corpo de Deus (como barba, ou o próprio pênis) são cuidadosamente encobertos na maioria dos textos bíblicos? Se Javé não tem uma consorte (vestígios arqueológicos evidenciam que ele chegou a ter uma) qual o sentido dele ser descrito como masculino em uma cultura que enfatiza a reprodução como função da sexualidade?

– Qual é o papel dos homens judeus numa comunidade cúltica que apresenta a união sexual como metáfora maior da união de Deus com Israel?

Pode-se notar que os leitores masculinos deste livro não saem de sua leitura ilesos.

Eilberg-Schwartz ao lançar estas e outras questões críticas aos homens e à imagem masculina de Deus, nos apresenta uma análise sofisticada dos símbolos religiosos com contribuições da teoria de gênero, da psicanálise e da antropologia cultural que se enriquecem mutuamente. Esta metodologia é aliada a um conhecimento erudito das tradições bíblicas e da literatura correlata. A meu ver, o resultado mais positivo desta conjugação de métodos é a idéia de que os símbolos religiosos são conflitivos, mesmo em relação àqueles que deles poderiam ter se servido para fins de legitimação de papéis sociais. Na expressão de Geertz, citada pelo autor, religião é ao mesmo tempo um “modelo de” e um “modelo para” os seres humanos. Reflete a sociedade, mas também oferece modelos para construção de relacionamentos e representações.

Frente ao dilema da masculinidade e da paternidade de Deus, seus devotos encontram formas de convivência com sua própria masculinidade que chegam aos seguintes extremos: Por um lado, a ocultação da sexualidade divina. Uma vez que o falo do pai não deve ser exposto em vão, os textos bíblicos poupam o leitor

masculino do confronto com a virilidade de Deus pai. Desta forma ele só pode ser visto de costas ou de maneira que suas características masculinas são ocultadas. Por outro lado, no outro extremo, está a postura de misticismos judaicos que cultivaram e desenvolveram as imagens da relação erótica de Deus com Israel. Estes sábios se transformam literariamente em mulheres (ou assumem atributos femininos) para a relação mística com o Deus masculino.

Confrontando a interpretação de textos e símbolos bíblicos de Eilberg-Schwartz com a hermenêutica latino-americana gostaria de destacar algumas questões e desafios:

1. A linguagem, e mesmo a linguagem bíblica, é dissimuladora. É necessário ler o texto na sua intencionalidade, mas também nos perguntarmos pelo que o texto não diz. Como na linguagem do sonho, que é uma expressão deslocada de um discurso ao qual não temos mais acesso, é verdade, senão através do sonho mesmo, mas que não é a expressão primeira. Sempre existem perguntas a serem feitas e o texto só poderá respondê-las indiretamente. Interpretar textos religiosos é um jogo de espelhos distorcidos. Mas é nestas imagens que temos algum acesso ao profundamente humano.

2. A religião é expressada em relação com o nosso corpo, no sentido de que nossas imagens da divindade são determinadas pela nossa corporeidade, e assim sendo, também pelo nosso sexo e nossa forma de entendê-lo e vivenciá-lo. Mas igualmente, estes símbolos nos devolvem enigmas a serem decifrados, sob o risco de sermos devorados por eles. Uma hermenêutica da Bíblia que pretende ser de atualidade tem que contemplar uma hermenêutica do simbólico e uma metodologia que dê conta das expressões e dos conflitos humanos em torno das nossas formas interiorizadas de representação da sexualidade.

3. Não podemos abrir mão de imagens antropomórficas sexuadas de Deus. Creio que também não queremos fazê-lo, uma vez que Deus é objeto de afeto e de desejo. Sou da opinião que orar a um Deus pai/mãe é como invocar a Deus através de um con-

ceito abstrato. Não posso ter afeto por um conceito hermafrodita de laboratório.

Isto não significa, no entanto, que as imagens-padrão de gênero não possam ser revistas e reconstruídas com o melhor de suas possibilidades (p.ex. privilegiar o pai carinhoso ao pai autoritário). Esta sugestão, aliás é do próprio autor de "o Falo de Deus". Os gêneros não são mais vistos como fechados. Os papéis sociais e afetivos da paternidade e da maternidade estão sendo complementados. Nós homens podemos entender e assimilar elementos maternos que até pouco tempo eram considerados como exclusivamente femininos. Igualmente mulheres assumem papéis sociais e características que eram consideradas masculinas. Neste sentido, poderíamos dar uma grande contribuição reeducando a divindade e ampliando sua masculinidade e paternidade.

4. Analisar a Bíblia a partir de referenciais metodológicos de gênero aliados à análise psicanalítica pode nos dar acessos mais criativos, ainda que menos imediatos, a elementos das narrativas e dos símbolos bíblicos que nos permitam dialogar com o cotidiano de homens e mulheres. Nada é mais cotidiano que o corpo. É curioso que na América Latina onde as culturas cultivam a expressão erótica, tenhamos preferência por metodologias exclusivamente sócio-econômicas na leitura da Bíblia.

O livro de Eilberg-Schwartz é um convite para uma experiência nova com o texto bíblico. Não tão nova, pois leitura psicanalítica do texto bíblico se faz já há décadas (na verdade Freud já era um perspicaz leitor da Bíblia). Mas a interpretação que lemos em "o Falo de Deus" é de uma sofisticação e de uma interdisciplinaridade tal que deve marcar época. Se por um lado, encontramos um desejo um pouco ingênuo de transformar a divindade em um saciador eficiente de nossa demanda por intimidade (ver p. 277), em sociedades onde isto é cada vez mais raro, por outro lado, a leitura convida o leitor (aqui não uso linguagem inclusiva!) a acertar desconfortos inconscientes com Deus pai e a descobrir novas formas de masculinidade para si e, por que não, para ele.

## REACÇÃO II

SHIGEYUKI NAKANOSE\*

Propus-me a fazer uma leitura atenta do livro *O Falo de Deus*, de Howard Eilberg-Schwartz. Antes de iniciar a tarefa, por coincidência ou providência, fui solicitado para contribuir na formação de crianças, meninas e meninos, entre 7 a 11 anos, que participam do “Projeto Criança” em uma comunidade de base de um bairro da periferia de São Paulo. Introduzi o dia de trabalho perguntando às 28 crianças presentes, quais eram seus sonhos. Entreguei um pedaço de argila a cada uma delas para que elaborassem a resposta. Surpreenderam-me suas obras de arte. Uma fez uma bicicleta, outra uma casa, outra um carro, outra uma televisão, outra ainda, um rato. As demais fizeram crianças. Todas, *exceto uma*, fizeram seu bebê com pênis bem desenvolvido. Algumas, inclusive, usaram pedaços de palitos para tornar mais visível sua imagem. Cada uma vinha mostrar sua obra e pedir ajuda, com uma carinha “marota”, dizendo: “Veja! Fiz um menino!”

Esta é a sociedade androcêntrica em que vivemos.

Voltei para casa e dei início à minha tarefa de ler *O Falo de Deus*. Numa visão panorâmica do livro em questão, façamos a conexão dos fatos. Eilberg-Schwartz, na conclusão do livro, fala sobre seu relacionamento com o pai: “Meu pai é um homem maravilhoso, que eu amo. Mas a ligação que tínhamos um com o outro era não-verbal; enquanto criança, eu era mais próximo de meu pai em jogos e eventos esportivos. Quando cresci e não podíamos mais jogar juntos, não houve nenhum veículo para a expressão dos sentimentos de intimidade” (p. 274).

Partindo de sua experiência vital, da análise de textos do AT, de estudos balizados na linha feminista sobre gênero e antropologia e do uso da psicanálise, o autor examina os problemas criados pelo corpo sexuado de Deus pai para os homens do judaísmo antigo na sociedade androcêntrica e patriarcal. Portanto, este estudo não deixa de ser uma busca de resposta a questões pessoais do autor, bem como de judeus e cristãos de hoje, na tentativa de

recuperar a imagem corporificada e paterna de Deus. “Um Deus com um corpo, com braços paternos, que não vira as costas” (p. 274).

No primeiro e no segundo capítulos, Eilberg-Schwartz parte da contribuição das teorias feministas e psicanalistas, mostrando simultaneamente seus limites. Ambas as teorias ligam masculinidade e religião, analisam “como as idéias e as experiências dos homens sobre a masculinidade moldam e são moldadas pelos símbolos religiosos, em especial pelas imagens da divindade” (p. 30). Mas essa projeção masculina é entendida de modo diferente pelas críticas feministas e psicanalistas.

Segundo os psicanalistas freudianos, a “religião reflete e repete a experiência de ter um pai” (p. 31). Enquanto, para as feministas “não é a experiência de ter um pai que é projetada no céu, mas sim, a própria idéia de masculinidade” (p. 31). E as teóricas feministas fundem as concepções de masculinidade humana e divina, fazendo de Deus o grande Homem em oposição ao único gênero, que é o feminino, considerado como o Outro. Para elas “a masculinidade não é vista como um gênero, mas é igualada a um assunto generalizado ou universal, o Homem” (p. 37). Portanto, as imagens masculinas de divindades divinizam a masculinidade e justificam uma autoridade masculina e sua dominação na ordem social. Esta crítica feminista fica evidente em suas interpretações do antigo judaísmo segundo as quais o Deus único é considerado como “uma divindade invisível e desencarnada” (p. 38). A representação de um Deus masculino desencarnado no judaísmo, para as críticas feministas, “acaba reforçando a associação de masculinidade com espiritualidade, e, pelo contraste, “minimizando” a feminilidade como estando associada ao corpo. Por este ponto de vista, uma vez que Deus cria pela palavra e não pelo corpo, a masculinidade é associada à atividade intelectual e espiritual, ao passo que a feminilidade é limitada às funções passivas do corpo - gerar e amamentar os filhos” (p. 39).

Em contraposição às teóricas feministas, os freudianos não tratam as masculinidades humana e divina como parte de uma única categoria indiferenciada. Eles abrangem um modelo conflituoso de projeção masculina: “Se a divindade é o pai em grande escala, então esta masculinidade divina não é de modo algum simplesmente uma confirmação da masculinidade humana. É ao mesmo tempo uma ameaça fundamental e um desafio a ela” (p. 32). Mas, nas análises do

\* Esta resenha é fruto de diálogo com as/os assessoras/es e colaboradoras/es do Centro Bíblico Verbo: Chico, Enilda, Luís, Laurindo, Percila, Sérgio, Toninha. Agradecimento especial à Enilda pela ajuda na revisão do texto.

judaísmo antigo designado como a religião "Pai", Freud não pressupõe tensões entre as masculinidades divina e humana. Ao compreender o Deus único do judaísmo como uma divindade desencarnada, do mesmo modo das visões feministas, ele argumenta que a "desmaterialização" do Deus único elevou "Deus e os judeus a um nível mais alto de espiritualidade e transferiu os judeus para uma posição superior à daqueles que permaneceram sob a escravidão dos sentidos" (p. 51). Para Freud, que acredita na paternidade baseada na razão e não nos sentidos, a desmaterialização de Deus e o triunfo da espiritualidade sobre os sentidos sugerem um Deus Pai como um ser não sexual, sem corpo, isto é, uma renúncia masculina. Ou como o autor coloca no final do segundo capítulo: "ele (Freud) deseja imaginar tanto o pai humano quanto o pai divino sem um órgão reprodutor" (p. 76).

Embora as contribuições feministas e freudianas sejam evidentes nas interpretações do judaísmo antigo, suas teorias da projeção masculina baseiam-se na suposição arraigada de que os judeus não apresentam nem imaginam seu Deus sob forma humana. Existem, segundo o autor, muitos textos da Bíblia hebraica nos quais Deus se apresenta sob forma humana. Tal constatação levanta uma questão que o autor considera importante: como os homens do judaísmo encararam o sexo masculino de Deus? A resposta a esta questão é examinada nos capítulos posteriores.

No capítulo três, o autor mostra, através de textos bíblicos, que os homens israelitas, por não se sentirem à vontade no seu relacionamento com um Deus masculino e corpóreo, o descrevem parcialmente coberto, ou desviam o olhar de seu corpo (Ex 24,1-3.9-11; 33,21-23). "Vários profetas, continua Eilberg-Schwartz, relataram ter visto a divindade em sonhos com visões. O profeta Amós vê Deus de pé junto ao altar (Am 9,1); Jó vê Deus ao fim de sua longa provação (Jó 42,5), e os profetas Miquéias (1Rs 22,19), Ezequiel (Ez 1,26-28) e Daniel (Dn 7,9-11) vêem Deus sentado em um trono. O conteúdo visual destas visões de Deus ou não é relatado (Amós, 1Rs e Jó) ou é relatado em uma versão aparentemente censurada (Isaías, Êxodo 24). Mas informações suficientes são transmitidas para deixar claro que a divindade é imaginada como tendo forma humana" (p. 83).

Se Deus tem um corpo, como este corpo é tratado no antigo Israel? O capítulo quarto, intitulado "Atentado ao

pudor" mostra como a representação dos órgãos genitais divinos era perturbadora para os homens israelitas, que tinham como norma o relacionamento heterossexual. Por isso o corpo do pai divino deve ser velado como podemos ver nos mitos de Adão e Eva e de Noé. Outra maneira que os israelitas encontraram para reagir frente ao corpo masculino de Deus foi apresentá-lo como marido de Israel. É o relacionamento entre Israel e Deus como casamento, frequentemente descrito na literatura profética (cf. Os 2,18; Jr 2,2). A heterossexualidade deste relacionamento, entretanto, se torna problema quando verificamos que na prática, este Israel coletivo, identificado por mulher, é representado por homens concretos como Abraão, Jacó, Moisés e outros que amam sensualmente uma divindade masculina. Tal relacionamento, denominado homoerotismo, pode ter sido intensificado pelos impulsos para a adoração exclusiva de um Deus. O problema é ainda acrescido com a questão da procriação. Em Israel, ser homem significava casar, ter filhos, dar continuidade ao povo. A masculinidade estava ligada à heterossexualidade, e o ato sexual entre homens era condenado.

Nos capítulos cinco e seis, o autor descreve como o judaísmo antigo solucionou este "dilema do homoerotismo". Primeiro, ele mostra várias formas de ocultar o corpo de Deus para suprimir o impulso homoerótico, manifestadas na antiga literatura judaica: "Ezequiel narra o ato da relação sexual de Deus da perspectiva de Deus, Deuteronomio elimina o corpo divino e imagina Deus como uma voz e um nome, Malaquias parece feminizar a divindade, e Provérbios impõem a mulher Sabedoria entre o filho e o pai" (p. 158). Outra solução foi a feminização dos homens israelitas. Esta desmasculinização é exemplificada com as histórias da luta de Jacó com o anjo (Gn 32,23-33), e do ataque de Deus a Moisés (Ex 4,21-26). Ambas as narrativas culminam com uma marca nos órgãos genitais de Jacó e do filho de Moisés. É a supremacia do masculino divino sobre o masculino humano. A circuncisão foi um símbolo de submissão da masculinidade humana ao definitivo masculino divino.

Tal feminização dos homens israelitas aparece mais explícita no judaísmo antigo tardio. É o que mostra o autor, no capítulo sétimo, ao descrever como as histórias bíblicas e rabínicas contam como os processos de feminização acontecem sob ameaça de castração, morte ou inversão de gênero. Ele cita como exemplos o amor entre Deus e Israel no livro do Cântico dos Cânticos, a feminização de Adão e a de Abraão. Nesse contexto, a

circuncisão, visto ser “um aperfeiçoamento do corpo masculino” (p.201), prepara os homens para uma teofania, transformando-os em mulheres desejáveis ao masculino divino. O Deus de Israel, mais do que amante dos homens, era o ideal ao qual eles aspiravam. Mas o Deus pai assexuado constituía um problema para uma cultura que via a sua continuidade através do varão que reproduzia a linhagem. Ora, este homem era a imagem e semelhança de um Deus masculino asceta. Para ser como Deus, o homem não deve ter nenhuma sexualidade?

A tentativa de amenizar esta tensão da masculinidade, ligada com a reprodução, aparece nos mitos bíblicos da criação (Gn 1-2) e na cultura rabínica analisados no oitavo capítulo. Em Gn 1, Deus sozinho criou Adão e o dividiu ao meio transformando-o em dois seres humanos. Logo, o primeiro Adão é um asceta. Seu paralelismo com o pai divino, um Deus masculino asceta, é promovido acima da sexualidade e do casamento. O mito descrito em Gn 1, dentro da simbologia religiosa sacerdotal, afirma que o homem foi feito à imagem divina. A imagem que está por trás desta afirmação é a de um homem genérico. Ou seja, Adão e Eva, em conjunto, são a imagem de Deus. Ora, para os sacerdotes a procriação era de fundamental importância em vista da continuidade de sua descendência. Incluindo o masculino e o feminino na estrutura da criação feita à imagem de Deus, eles tentam conciliar a reprodução com sua imagem de um Deus masculino e asceta.

Na cultura rabínica a solução para o dilema da sexualidade, masculinidade e procriação é a divisão simbólica do corpo masculino em parte superior e inferior. Enquanto para a comunidade sacerdotal a procriação era crucial para a reprodução, os sábios rabínicos “geravam ‘filhos’ através do ensinamento da Torá” (p. 246). A parte superior, onde está localizada a boca que transmite a Torá, torna-se assim um símbolo de reprodução, em defasagem da parte inferior, onde se encontra o pênis, símbolo de masculinidade. Tudo isso é representado pelo velamento do pênis durante a oração rabínica.

A tensão enfrentada pelo judaísmo antigo e rabínico quanto ao Deus pai assexuado e a procriação é dirimida pela comunidade cristã, cujas fronteiras não são limitadas pela descendência. É o que o autor analisa no capítulo nono. Paulo afirma que a descendência de Abraão não está condicionada à linha genealógica (Rm 9,6-8). Para ele, o homem pertence à comunidade não pela genealogia nem pela circuncisão do corpo, mas pela

fé (Rm 2,25-29). Sua maneira de encarar a circuncisão deixa nítido como a desvalorização da genealogia abre caminho para um novo conceito de masculinidade e cria o espaço para o mito da concepção imaculada de Jesus, o descendente tanto de Deus quanto de Davi pelo Espírito. Dentro desta matriz do cristianismo, onde a descendência masculina perdeu sua importância e a masculinidade não era mais definida em termos de procriação e sexualidade, não é mais problema o fato de sermos filhos de um Deus pai assexuado.

Eilberg-Schwartz conclui seu livro *O Falo de Deus*, com sua história pessoal de relacionamento paterno. Por que ele tem problemas com o pai? Porque na religião judaica a masculinidade dos judeus é colocada em segundo plano. Isso o leva a sugerir: “Em vez de feminizar os homens para que eles possam ter um relacionamento íntimo com um Deus masculino, deveríamos feminizar este Deus, sem contudo fazer dele uma deusa” (p. 275). O autor oferece pistas para uma integração da imagem corporificada de Deus pai, mostrando que homens e mulheres podem se relacionar intimamente com o divino através de imagens masculinas e amorosas de Deus, ao lado de fortes imagens femininas.

O livro como, um todo, apresenta um estudo sério e bem fundamentado de como a imagem corporificada de Deus pai trouxe problemas para o judaísmo antigo e para os judeus hoje. É um texto bem elaborado que parte da vida concreta, com argumentações lógicas, fruto de uma longa pesquisa histórica com variadas fontes de trabalho. O autor faz uso de várias mediações, entre elas, as teorias feministas, freudianas, a visão cinematográfica e a antropologia. As questões levantadas são pertinentes e convidam o leitor a pensar e a se posicionar.

No que se refere à exegese bíblica, a análise e o ponto de vista do autor, porém, se prendem significativamente a uma visão oficial do judaísmo antigo e seu monoteísmo em geral, no qual o sistema de símbolos religiosos dos sacerdotes se destaca. O que fica a desejar é um estudo para explorar e descrever não somente como a elite do judaísmo antigo se relacionou com o Deus pai, mas também como seu povo cultivou as imagens de divindades. Não se deve, com efeito, conceituar e explicar a imagem de Deus numa visão linear da história.

Voltemos à experiência inicial com as crianças. A primeira imagem que temos do ser humano é a masculina. Ela é introjetada de tal forma, que quase chega a anular a imagem feminina. Nós dissemos que: todas as crianças,

*exceto uma*, fizeram seu bebê com pênis bem desenvolvido. “Essa uma” era uma menina que insistia em dizer: “Eu não, eu quero fazer uma menininha. Por favor, me ajude a fazer uma menina”. Embora, a grande força histórica seja a visão oficial e masculina, outra maneira de conceber o ser humano e sua história, está presente no nosso dia-a-dia. Para sermos fiéis a esse ponto de vista, é preciso analisar e compreender a caminhada e as idéias do povo da Bíblia a partir de sua vivência do dia-a-dia.

Essa abordagem da história de Israel abarca uma série de pressuposições:

1. Na formação do Israel intertribal (1200-1000 a.C), a maior parte da população era constituída de camponeses da Palestina. Estes, no seu convívio diário com a natureza, experimentavam várias forças que interferiam na sua vida e produção. E no convívio das comunidades, as mulheres, tanto quanto os homens, asseguravam o sustento do grupo nas atividades agrícolas, embora cuidassem também das tarefas domésticas. Mulheres e homens ocupavam uma posição de igualdade (cf. Ex 2,15.17). Estes elementos lhes dão abertura para experienciar um Deus sexuado, Pai-Mãe próximo, presente no seu cotidiano, que dá fertilidade à terra. Na Bíblia Hebraica, pode se encontrar os indícios dessas divindades (cf. Isaías 49,15; Oséias 11,1-4.7-8).

2. No processo de desenvolvimento das “cidades-Estado” em Israel, correspondendo à consolidação da propriedade da terra, dos escravos e dos rebanhos etc, os homens começaram a ocupar a posição de superioridade em relação às mulheres, garantindo a linha de descendência pela masculinidade. Para legitimar a organização sócio-econômica e política do Estado, predominantemente ocupada pelos homens, começou-se, então a exigir dos camponeses o culto ao Javé oficial, que era uma divindade ligada à comunidade pastoril, um mundo patriarcal. A história de Israel é marcada por esta imposição da religião do Estado sobre os camponeses.

3. Na pesquisa da história de Israel e sua imagem de Deus, portanto, não se deve reduzir os sujeitos históricos somente à elite das instituições. Precisa também escutar o “povo” atuante no mundo social descrito na Bíblia hebraica, recuperando suas maneiras próprias de fazer

história, sua vivência e sua imaginação teológica no interior da história humana.

4. Essa necessidade da pesquisa histórica exige de nós os métodos exegéticos de detectar as circunstâncias sociais e históricas de determinado texto ou fato bíblico, bem como as circunstâncias sociais e históricas que deram origem a tal texto.

Aplicando-se ao estudo do livro do Howard Eilberg-Schwartz, essas pressuposições começam a suscitar inúmeras perguntas e dúvidas quanto ao seu método de pesquisa histórica e a sua exegese bíblica. Ele estuda a imagem de Deus enquanto consciência coletiva da nação israelita, interpretando os textos bíblicos quase que exclusivamente no nível dos movimentos sócio-religiosos da elite. Essa falha evidencia-se nas suas interpretações dos textos bíblicos como nos profetas Oséias (p. 122s), Jeremias (p. 122s), Malaquias (p. 155); no livro dos Cânticos (p.193); na genealogia de Mateus (p. 270). Sua leitura é parcial, por não considerar suficientemente as questões históricas, sociais, econômicas, políticas, culturais e religiosas, bem como o cotidiano que originou tais textos. E lhe falta estímulo e meios para analisar as imagens das divindades na Bíblia Hebraica enquanto produto e reflexo dos movimentos sociais e religiosos do “povo”.

Com o foco da análise voltado para a imagem masculina da divindade, apresentada pela elite, o autor reforça a necessidade de feminizar Deus, sem fazer dele uma deusa (p. 275). É óbvio que esta proposta é parcial e ambígua, se atentarmos para os diversos rostos da divindade que têm sido manifestados e experimentados no interior da história humana em geral. A reflexão teológica do povo da Bíblia não foge desta dinâmica dos movimentos sócio-religiosos. Este povo também experimentou diferentes rostos de Deus nos variados locais e momentos que marcaram a sua vida. Se nos ativermos somente à imagem masculina de Deus, apresentada pela leitura oficial e sacerdotal, que também é importante, tiramos o sabor humano e terno que nos traz a experiência do Deus Pai-Mãe, experimentado pelo povo de Israel no decorrer de sua história.